Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

IMAGENS DO GLOBO TERRESTRE ECOAM EM IMAGINAÇÕES GEOGRÁFICAS

Vanessa Pâmela Tomelin
vanessa.tomelin85@edu.udesc.br

Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) e Professora da Rede Municipal de Ensino de Bombinhas/SC.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8663-4685

Astrid Nicoly Dallagnoli
astrid.dallagnoli@edu.udesc.br

Licenciada em Geografia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4194-7132

Ana Paula Nunes Chaves
ana.chaves@udesc.br

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Professora do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5754-3001

RESUMO

Este artigo tem como meta a exposição de resultados preliminares de pesquisa científica que centra-se na análise de imagens do globo terrestre veiculadas pela revista *National Geographic* no período da década de 1970 até a década de 2020. A investigação abarca a busca por uma interpretação a respeito das imagens que permita o entendimento de como são apropriadas, ou seja, da forma como são apresentadas e das funções que exercem quando dispostas nas páginas do periódico, e, ainda, o entendimento de suas relações com a formação de imaginações geográficas. O estudo efetiva-se por meio de uma leitura arqueogenealógica lastreada em Michel Foucault e resultou, até o momento, na detecção de três tipos de representações gráficas da Terra: desenhos, fotografias e imagens de satélites, que exercem quatro principais funções: como referência à *National Geographic Society*; como indicação da localização de dinâmicas na superfície terrestre; como referência ao Planeta Terra como nosso lar; como referência a uma ideia de globalização atrelada, por vezes, à uma tônica socioambiental de bens de consumo, serviços e/ou instituições. À vista disso, conclui-se que as imagens do globo terrestre dispostas na revista configuram-se como valiosos recursos visuais que atuam na formação de imaginações geográficas e que seus possíveis impactos sobre a educação geográfica devem estar sob os nossos olhos investigativos.

PALAVRAS-CHAVE

Recursos visuais; National Geographic; Educação geográfica.

IMAGES OF THE TERRESTRIAL GLOBE ECHO IN GEOGRAPHICAL IMAGINATIONS

ABSTRACT

This article aims to present preliminary results of scientific research that focuses on the analysis of images of the globe published by National Geographic magazine from the 1970s to the 2020s. The investigation encompasses the search for an interpretation of respect for images that allows the understanding of how they are appropriated, that is, the way they are presented and the functions they perform when arranged on the pages of the periodical, and, also, the understanding of their relationships with the formation of geographic imaginations. The study is carried out through an archaeogenealogical reading based on Michel Foucault and has resulted, to date, in the detection of three types of graphic representations of the Earth: drawings, photographs and satellite images, which perform four main functions: as a reference to National Geographic Society; as an indication of the location of dynamics on the Earth's surface; as a reference to Planet Earth as our home; as a reference to an idea of globalization linked, sometimes, to a socio-environmental tone of consumer goods, services and/or institutions. In view of this, it is concluded that the images of the globe displayed in the magazine are valuable visual resources that act in the formation of geographic imaginations and that their possible impacts on geographic education must be under our investigative eyes.

KEYWORDS

Visual resources; National Geographic; Geographic education.

IMÁGENES DEL GLOBO RESUENAN EN EL IMAGINARIO GEOGRÁFICO

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar resultados preliminares de una investigación científica que se centra en el análisis de imágenes del globo terráqueo publicadas por la revista National Geographic desde la década de 1970 hasta la década de 2020. La investigación abarca la búsqueda de una interpretación del respeto a las imágenes que permita comprender cómo. su apropiación, es decir, la forma en que se presentan y las funciones que desempeñan cuando se disponen en las páginas del periódico, y, también, la comprensión de sus relaciones con la formación de los imaginarios geográficos. El estudio se lleva a cabo a través de una lectura arqueogenealógica basada en Michel Foucault y ha dado como resultado, hasta la fecha, la detección de tres tipos de representaciones gráficas de la Tierra: dibujos, fotografías e imágenes de satélite, que cumplen cuatro funciones principales: como referencia para Sociedad Geográfica Nacional; como indicación de la ubicación de la dinámica en la superficie de la Tierra; como referencia al Planeta Tierra como nuestro hogar; como referencia a una idea de globalización ligada, en ocasiones, a un tono socioambiental de bienes de consumo, servicios y/o instituciones. Ante esto, se concluye que las imágenes del globo terráqueo expuestas en la revista son recursos visuales valiosos que actúan en la

formación de imaginaciones geográficas y que sus posibles impactos en la educación geográfica deben estar bajo nuestra mirada investigativa.

PALABRAS CLAVE

Recursos visuales; National Geographic; Educación geográfica.

Notas iniciais

Este texto tem como objetivo inicial apresentar um panorama de pesquisas de cunho geográfico que centraram-se em imagens do globo terrestre e as relacionam com a formação de imaginações geográficas (Cosgrove, 1994; 2001; 2010, Hollman, 2014). Além disso, serão apresentados dados e discussões que ressoam dos movimentos investigativos preliminares da dissertação de mestrado intitulada Imagens do globo terrestre ecoam em concepções de mundo e na educação geográfica: o que vemos na revista *National Geographic* (Tomelin, 2023), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

A dissertação em questão busca entender como a revista *National Geographic* lança mão desses recursos visuais, as imagens do globo terrestre, para sustentar narrativas sobre o mundo. É um trabalho que parte do pressuposto de que as representações gráficas do globo terrestre conservam grande valor para a ciência geográfica e, por conseguinte, para a educação geográfica, uma vez que dão a ver o Planeta Terra e sua superfície em escala global.

A fonte de pesquisa da investigação, a revista *National Geographic*, foi escolhida diante de sua expressiva relevância no cenário mundial como periódico que propõe a divulgação de informações de caráter geográfico. A disseminação da revista, que se dá em pelo menos 32 idiomas, alcança atualmente um público consumidor de aproximadamente 50 milhões de pessoas em todo o mundo. Pressupõe-se, assim, que as imagens divulgadas nos exemplares da *National Geographic* podem exercer influência na formação de imaginações geográficas sobre o mundo em grande quantidade de leitores das editorações.

Trata-se, desta forma, de uma pesquisa qualitativa aliada à análise documental exploratória, sendo esta última desenvolvida com base na arqueogenealogia foucaultiana no trato com o arquivo. A porção de dados que emerge da investigação e que será

exposta neste texto, nessa via, resulta dos primeiros manejos arquivísticos realizados quando da fase inicial de construção da dissertação.

O texto está estruturado a explicitar inicialmente considerações a respeito das imagens, especialmente as do globo terrestre. Em seguida serão expostas pesquisas pregressas identificadas quando da fase de revisão bibliográfica a respeito do tema, as imagens do globo terrestre no âmbito da ciência geográfica. Na seção seguinte serão apresentadas as primeiras leituras realizadas a respeito das imagens do globo terrestre presentes na revista *National Geographic*, especialmente quando agrupadas e categorizadas em conjuntos. Por fim, apresenta-se também uma breve articulação entre os estudos dessas imagens com a formação de imaginações geográficas na contemporaneidade e a importância de investigações de tal teor para a educação geográfica desenvolvida atualmente, especialmente no âmbito da Educação Básica.

Imagens da Terra: relação com a Geografia e com a Revista *National Geographic*

O mundo moderno é intensamente imagético. Diariamente, múltiplas informações chegam até nós através de imagens presentes em diversos suportes de visualização. Esses recursos visuais, entre os quais figuram as fotografias, as imagens de satélites, os desenhos gráficos, os mapas, as pinturas, as imagens televisivas e cinematográficas, conservam forte potencial de fixarem-se em nossas mentes e são utilizados para embasar e reforçar, por meio das diferentes formas pelas quais se manifestam, variadas narrativas a respeito de eventos, dinâmicas, relações, tendências. Atuam, assim, como instrumentos que possibilitam a exposição de distintas perspectivas e visões de mundo.

No bojo de sua crescente incidência e importância, as imagens se configuram como centrais na produção e na difusão do conhecimento geográfico, uma vez que esta área do conhecimento está constituída por um corpo de imagens que a torna um discurso visual do mundo (Rose, 2013). A geógrafa Doreen Barbara Massey (2017) explica que na contemporaneidade muito da nossa Geografia está na mente. Carregamos conosco imagens mentais do mundo e, sendo assim, se faz pertinente analisar como tais imaginações geográficas tomam forma, como são produzidas, a exemplo das que emergem "[...] dos nexos de poderosos conglomerados de mídia internacionais" (Massey, 2017, p. 37). À vista disso e da prerrogativa de determinados veículos comunicacionais de largo alcance mundial de disseminarem imagens a milhões de indivíduos através de

suas publicações, entende-se que há necessidade de lançar um olhar questionador para as imagens que veiculam, para os seus conteúdos, suas formas de apresentação e, ainda, para as possíveis funções que exercem nos contextos dos aportes em que são divulgadas. A revista *National Geographic* é um valioso exemplo disso.

Conjecturamos que as imagens reverberam em diferentes leituras e visões a respeito do que se referem e ecoam na formação de variadas imaginações e noções geográficas. Entretanto, a imagem, conforme ressalta o geógrafo Wenceslao Machado de Oliveira Junior (2009), além de ser uma realidade em si mesma nos faz mirar o mundo da maneira como *ela* o apresenta. A educação geográfica, em contrapartida, deve inquietar nossos modos de mirar para que se possa ver além do que nos é visibilizado.

A *National Geographic* é uma das mais proeminentes revistas em circulação no cenário mundial na atualidade. Configura-se como uma ramificação da *National Geographic Society*, uma organização estadunidense fundada em 1888 com o propósito de aumentar e difundir o conhecimento geográfico nos Estados Unidos da América e no Planeta. A revista, posta em circulação poucos meses depois da gênese da Sociedade, foi nomeada, na ocasião, como *The National Geographic Magazine* (Mizan, 2011). No decorrer de seus mais de 130 anos de existência teve seu público gradativa e expressivamente acrescido e seus conteúdos passaram a abordar uma vasta gama de temáticas atreladas principalmente à exposição de características do Planeta Terra. O periódico explicita peculiaridades do mundo em que vivemos numa abordagem comumente lastreada numa perspectiva físico-geográfica.

Ademais, reveste-se de uma característica bastante marcante em relação a outros periódicos comercializados com a tônica da cientificidade: desde o início do século passado adotou o uso expressivo de representações visuais em suas capas, artigos, reportagens e nas propagandas que dissemina. Nesse sentido, é "um dos maiores ícones das revistas ilustradas da era Moderna e que sobrevive no mercado editorial atual" (Souza, 2010, p. 3).

Em meio ao amplo rol de recursos imagéticos de que se vale em suas publicações, verifica-se o uso recorrente e crescente de imagens do globo terrestre com o passar dos anos, sobretudo, a partir da década de 1970 e na conjuntura das Missões *Apollo,* que fotografaram a Terra fora de sua órbita e a partir da ótica de seus tripulantes. A expressiva quantidade de representações gráficas do globo terrestre é exposta na revista, majoritariamente, na composição de artigos que tratam de variadas temáticas. É preciso registrar, porém, que apesar da significativa presença do globo terrestre em imagens não foram verificadas até o momento investigações que objetivassem entender

como a revista se utiliza de tais representações gráficas para embasar e/ou reforçar narrativas sobre o mundo. Ou que buscassem identificar como o periódico apresenta tais imagens e quais possíveis funções esses recursos visuais exercem quando dispostos em suas páginas. Ademais, não identificou-se pesquisas que relacionassem esses recursos visuais presentes na revista com a formação de imaginações geográficas.

Tendo em conta essa lacuna identificada é que motivamo-nos a buscar investigações pregressas que trataram de imagens do globo terrestre e que as relacionaram com a Geografia e com a formação de imaginações geográficas. Além disso, impulsionou-nos tentar realizar uma leitura de como se efetiva a apropriação do globo em imagens pela revista *National Geographic*. Partimos do pressuposto que esses recursos visuais atuam, no tempo presente, como partícipes na formação de imaginações geográficas e, assim, configuram-se como singulares para o desenvolvimento da educação geográfica.

As representações gráficas do globo terrestre já despertaram a curiosidade por parte de alguns autores que se dedicam a análises de cunho geográfico. O geógrafo britânico Denis Edmund Cosgrove, em 1994, observando o contexto de crescimento de difusão de imagens do Planeta Terra pelos veículos comunicacionais nas últimas décadas do século XX, realizou um estudo minucioso das mais conhecidas imagens do globo terrestre: as fotografias da Terra tomadas por testemunhas oculares humanas e provenientes do Programa Lunar *Apollo*. Tal projeto foi coordenado pela Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço - NASA, a agência espacial estadunidense, há cerca de 60 anos, de 1961 a 1975. No ensaio, o autor apresenta uma leitura detalhada da composição e do conteúdo das imagens da Terra *Earthrise,* fotografia tirada a partir da órbita lunar na Missão *Apollo* 8, no ano de 1968, e *The Whole Earth* (ou *The Blue Marble*), fotografia capturada na última missão tripulada que objetivava a exploração da Lua, *Apollo* 17, realizada em 1972.

Numa abordagem intertextual desenvolvida na análise cultural contemporânea e aplicada ao objeto primário da representação geográfica, a superfície da Terra, o autor comenta a conjuntura da captação das imagens. Além disso, discute os diferentes discursos a respeito do Planeta Terra que emergiram na mídia mundial a partir da divulgação de tais registros (inclusive na ambiência da revista *National Geographic*). Sua abordagem girou em torno dos pressupostos culturais e históricos do mundo ocidental global que influenciaram essas diferentes interpretações. O autor conclui que as fotografias do globo terrestre *Earthrise* e *The Whole Earth* se configuram como o legado mais duradouro do Projeto Lunar *Apollo*, cujos significados são contestados nos discursos

pós-coloniais e pós-modernistas, e que foram imensamente significativas para alterar a forma de imaginação geográfica contemporânea. Ademais, salienta que embora tenham recebido atenção limitada na Geografia as imagens adquiriram tal importância por conta de seu alcance global, pois têm sido amplamente usadas como ilustrações de capa para textos e periódicos em todo o mundo (Cosgrove, 1994).

Mais tarde (2001), Cosgrove discorre novamente sobre as representações gráficas da Terra esférica, o globo terrestre, no livro *Apollo's Eye - A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination*, onde busca "revelar as raízes profundas do pensamento global contemporâneo e reconhecer algo da rica e complexa tradição cosmográfica na qual a imaginação geográfica de hoje está enraizada" (Cosgrove, 2001, p. xii, tradução livre). Em sua análise o autor sustenta que as ideias de globalização retiram sua força expressiva e política das imagens do globo terrestre e que este é conhecido por meio de suas diversas representações. Essas representações inclusive "têm agência para moldar a compreensão e a ação adicional no próprio mundo" (Cosgrove, 2001, p. xii, tradução livre). Diante disso, o autor opta por apresentar as representações gráficas do globo terrestre à medida que foram construindo e comunicando a distinta mentalidade ocidental que está nas reivindicações universalistas do globalismo contemporâneo. Conclui que as representações gráficas da esfera terrestre exerceram forte domínio sobre a imaginação [geográfica] ocidental, inclusive muito antes de serem capturadas as fotografias do globo terrestre pelas testemunhas oculares humanas das Missões *Apollo*, no final do século XX, mas especialmente no último milênio.

Já em 2010 as imagens do globo terrestre são mais uma vez alvo do olhar do geógrafo na obra *Photography and Flight,* onde retoma o advento das fotografias da superfície terrestre tiradas do alto desde os primeiros registros até os dias atuais, passando pelas fotografias tomadas a partir de balões de ar quente e pipas, pelo desenvolvimento da aviação e das máquinas fotográficas, pelos registros da Terra inteira provenientes das Missões *Apollo* até a evolução do Sensoriamento Remoto e as ultramodernas imagens de satélites que, em variadas escalas, proporcionam o domínio visual do Planeta pelo ser humano. Interessante registar que o autor destaca nessa obra que a *National Geographic Society* tem sido uma das principais proponentes da visão aérea patrocinando, desde 1920, expedições que objetivam a captação de registros da superfície terrestre tomados do alto, incluindo o imageamento de áreas inóspitas. As imagens derivadas dessas expedições, de propriedade da *National Geographic Society,* vêm sendo veiculadas principalmente nas capas da revista *National Geographic* e se configuram com tal importância ao longo da história que, como destaca o geógrafo, chegaram a ser

disponibilizadas às Forças Armadas estadunidenses e consideradas recursos estratégicos valiosos na conjuntura da Segunda Guerra Mundial (Cosgrove, 2010).

Verónica Carolina Hollman (2014) disserta sobre a necessidade de lançar-se um olhar questionador para as imagens que embasam o conhecimento geográfico, de nos atentarmos aos nossos modos de mirá-las e para as possíveis repercussões dessas imagens na formação de imaginações geográficas. Nesse caminho, a autora apresenta a noção de que as imagens adquirem sentidos à medida que se atrelam a outros elementos que compõem os contextos em que são divulgadas e postas em circulação. Para exemplificar sua proposta de análise de imagens vale-se de representações gráficas do globo terrestre pondo em discussão diferentes reapropriações de *Earthrise* e *The Whole Earth* disseminadas em um suporte comunicacional argentino. Este, embora não se enquadre entre periódicos que conservam a tônica da cientificidade, possui certas similaridades com a *National Geographic* uma vez que também busca dar visibilidade a temas relacionados à preservação ambiental do Planeta. No manuscrito, Hollman explica como, na ambiência específica da versão impressa da revista *Viva*, variadas imagens do globo terrestre compuseram diferentes publicações e que, quando colocadas sob análise juntamente com seus entornos linguísticos, evidenciam que múltiplas narrativas têm se dado a partir delas. As reapropriações em questão, conclui a autora, dialogam com a inscrição das imagens em nossa memória visual e também se reinscrevem em outras retóricas que se apresentam nos títulos e legendas que acompanham as publicações, permitindo outras interpretações (Hollman, 2014).

Nas investigações realizadas pelos autores fica evidenciada a potência das imagens do globo terrestre enquanto partícipes na construção de imaginações geográficas, uma vez que possibilitam que diferentes narrativas, leituras e visões de mundo se efetivem a partir e junto delas. Configuram-se, de tal maneira, como instrumentos singulares para o desenvolvimento da educação geográfica, pois para além de comporem o rol de recursos imagéticos acionados para darem visibilidade a questões do espaço destacam-se quando se almeja sustentar interpretações a respeito dele. Distribuídas em inúmeros suportes de visualização, são imagens que atrelam-se de maneira ímpar à Geografia como componente curricular e como área do conhecimento.

Tendo isso em conta, parte-se a saber como a revista *National Geographic* vale-se desses recursos visuais para sustentar narrativas sobre o mundo.

As imagens do globo terrestre na Revista *National Geographic* (década de 1970 à década de 2020)

A investigação a respeito das imagens do globo terrestre na revista *National Geographic* ocorreu por meio de uma leitura arqueogenealógica derivada do procedimento analítico de Michel Foucault, ou melhor, de interpretações da lida do autor com os arquivos sobre os quais se debruçou. Trata-se de um modo de se endereçar a arquivos documentais e explorá-los, em um mergulho em seus elementos em busca da percepção de vestígios, nuances, emergências que falam a respeito de determinado tema, indícios que contam histórias. Em outras palavras, a leitura arqueogenealógica é um exercício de pensamento em que se busca empreender uma releitura dos dados levando em conta os ditos do arquivo, aquilo que está exposto, e também os não ditos em ausências e lacunas que apresenta. Essas percepções são possibilitadas por operações e gestos, manipulações que quando realizadas fabricam "um objeto novo, constitui-se uma nova forma de saber, escreve-se um novo arquivo" (Farge, 2009, p. 64).

Com base nisso, inicialmente partiu-se à verificação da presença de imagens do globo terrestre em 622 exemplares da revista *National Geographic* veiculados no recorte temporal da década de 1970 até a década de 2020 (mais especificamente de janeiro de 1970 até agosto de 2021). A consulta efetivou-se na plataforma digital da *National Geographic Virtual Library,* que dispunha, na ocasião, de todos os exemplares da revista *National Geographic* veiculados desde a primeira edição, de 1888, digitalizados. No sítio eletrônico, assim, foi possível consultar as editorações na íntegra, além de fazer o download das páginas internas e das capas dos exemplares em que imagens do globo terrestre foram encontradas, gratuitamente. A partir dessa verificação, da seleção e download das imagens, organizou-se um arquivo digital que contém 2.201 imagens do globo terrestre, separadas por década de publicação.

Em um segundo momento, passou-se à observação das imagens objetivando conhecê-las e perceber, de forma geral, suas particularidades. Nessa observação preliminar emergiu a necessidade de uma primeira reorganização do arquivo, a fim de entender, mais a fundo, como a revista apresenta as imagens, ou melhor, identificar quais tipos de representações gráficas do globo terrestre aparecem na conjuntura específica do periódico no recorte temporal definido. Para feitura dessa reorganização passou-se a uma apreciação mais atenta das imagens, uma a uma. Nesse movimento, que envolveu a seleção e a categorização das imagens em conjuntos por semelhanças, notou-se que a revista apresenta representações gráficas do globo terrestre que se enquadram em três

principais tipologias de recursos visuais: desenhos, fotografias e imagens provenientes de satélites artificiais.

Essa etapa foi de fundamental importância, pois possibilitou a visualização de diferentes reapropriações artístico-visuais a respeito do mesmo objeto de estudo. As reapropriações, por sua vez, demonstram que a revista vale-se recorrentemente desses diferentes recursos visuais para inserir o globo terrestre em suas publicações e que lança mão de forma majoritária de representações gráficas identificadas como desenhos. Estes são provenientes de técnicas manuais (feitos à mão) e digitais (elaborados através de softwares gráficos) e apresentam-se ora como artísticos ora como técnicos (desenhos que conservam certa confiabilidade em relação à geometria, às posições, escalas e proporções do que retratam). As representações investigadas se materializam como figuras, esboços, caricaturas, pinturas, grafites, obras de arte, mapas e representações que se assemelham a mapas (que não possuem, por vezes, título, legenda, escala de representação e demais elementos essenciais do mapa, mas oferecem a indicação de porções da superfície terrestre em que eventos e fenômenos ocorrem). Assim, de forma multifacetada os desenhos do globo terrestre enquadram-se na exposição de variadas temáticas e reforçam visualmente múltiplas narrativas.

Além dos desenhos, percebeu-se que o periódico apresenta diferentes imageamentos da esfera terrestre, registros fotográficos e registros oriundos de sensores acoplados em satélites artificiais que, embora possuam diferenças substanciais em relação aos processos pelos quais foram capturados, acabam por servir a mesma finalidade: dar a ver a Terra à distância, em sua totalidade ou em partes, reforçar as abordagens explicitadas nos textos que compõem os artigos disseminados nos exemplares e, ainda, chamar a atenção do leitor para os assuntos em destaque nas capas das editorações.

O manuseio do arquivo para efetivação dessa primeira análise das imagens, que permitiu a identificação das três tipologias de representações gráficas no globo terrestre na conjuntura particular da revista, possibilitou também que outras características das imagens saltassem à vista, a exemplo de algumas funções a que servem tais representações gráficas nos contextos em que foram divulgadas. Diante disso, partiu-se a uma segunda reorganização do arquivo que teve como finalidade reordenar as imagens de acordo com as principais funções que exercem quando dispostas nas páginas do periódico. Essa reorganização resultou em quatro grandes agrupamentos de imagens do globo terrestre, que se referem a quatro funções principais, identificadas como: 1) imagens que servem como referência à *National Geographic Society;* 2) imagens que

servem como instrumento de indicação da localização de dinâmicas (elementos, eventos e fenômenos) na superfície terrestre; 3) imagens que servem à sustentar narrativas que se referem ao Planeta Terra como nosso lar, o lugar em que vivemos; 4) imagens que reforçam uma ideia de globalização atrelada, por vezes, à uma tônica socioambiental de bens de consumo, serviços e/ou instituições.

O primeiro grupo, representado pela Figura 1, diz respeito a 1.102 imagens que apresentam-se de forma recorrente, variada e por vezes idêntica ou muito semelhante e que referem-se à própria organização *National Geographic Society*. Percebeu-se que a entidade se apropria intensamente e em diferentes momentos históricos do globo terrestre em imagens a fim de, pressupõe-se, fazer referência à sua missão[1], ao seu alcance global e ao caráter científico, explorador e protetor do Planeta que busca imbuir em todas as suas ações.

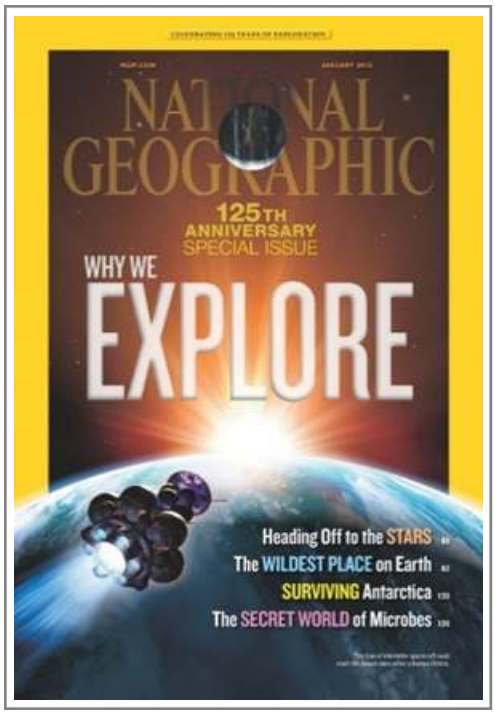


Figura 1: Imagem do globo terrestre que representa o agrupamento de imagens que faz referência à *National Geographic Society*.
Fonte: *National Geographic Virtual Library,* 2022.

A utilização de imagens do globo terrestre como um dos símbolos da organização *National Geographic Society* pode ser visualizada já na composição da arte da

[1] A missão da *National Geographic Society* na atualidade é descrita como: "usando o poder da ciência, exploração, educação e narrativa para iluminar e proteger a maravilha do nosso mundo" (National Geographic Society, 2023).

logomarca presente nas capas da revista *National Geographic*, que embora tenha passado por sutis alterações no decorrer do período de análise conservou o globo terrestre em sua centralidade desde 1970 até meados dos anos 2000. Ademais, é perceptível através do que expõe a *National Geographic Society* nas páginas internas da revista *National Geographic* que a organização busca vincular toda a sua gama de produtos com representações gráficas da Terra. Entre eles figuram mini globos terrestres (globos com suporte, iluminados, não iluminados, físicos, políticos), mapas e suportes para mapas, atlas mundiais, catálogos, revistas e box de revistas, livros, almanaques, guias, produtos digitais (como animações), programas de televisão (séries, filmes e documentários), todos produzidos e comercializados pela *National Geographic Society* e repetida e comumente atrelados a imagens do globo terrestre. Uma espécie de cartão de crédito, *National Geographic Platinum MasterCard*, inclusive, compõe o rol de produtos ofertados pela organização no interior da revista com a presença de uma representação gráfica da Terra em sua apresentação. Programas, eventos, projetos e expedições promovidas pela *National Geographic Society* e divulgadas na revista vinculam-se também, costumeiramente, a imagens do globo terrestre.

Além disso, no que tange à revista em si, que é um dos mais importantes produtos comercializados pela organização, imagens do globo terrestre também amparam suas edições especiais e comemorativas, como exemplo da capa do 125º aniversário do periódico, veiculada em janeiro do ano de 2013, que trouxe uma imagem de satélite de parte da Terra vista à distância, acompanhada dos seguintes dizeres: Why we explore (Por que exploramos - tradução livre). Imagens similares acompanham ainda sumários da revista, *quizzes* propostos e títulos de colunas, como por exemplo: *Explore Planet Earth*, ou, *Explore Planet Earth: By de Numbers*, recorrentemente dispostos junto a uma pequena imagem do globo terrestre produzida digitalmente. Dados a respeito do Planeta Terra aparecem distribuídos pelos cantos das páginas da revista, por vezes, desvinculados dos assuntos que compõem os artigos, mas acompanhados por pequenos globos terrestres desenhados digitalmente. Outro exemplo é a aparição de mensagens do corpo editorial e do presidente da *National Geographic Society* aos leitores dispostas junto a representações gráficas do globo terrestre que manifestam-se como fotografias, imagens de satélite e variados tipos de desenhos, em diferentes proporções, tonalidades e com variados enfoques.

É possível concluir-se nessa mirada para as representações gráficas do globo terrestre que a *National Geographic Society* busca de maneira bastante explícita vincular

visualmente tanto sua identidade quanto os discursos que dissemina enquanto organização com imagens da Terra em sua escala global. Apropria-se constantemente do globo terrestre em imagens, possivelmente, para lembrar seu público afiliado e todo e qualquer leitor de seu propósito, da sua presença no cenário mundial e da sua preocupação com tudo que diz respeito à preservação do Planeta. Junto dessas imagens frequentemente sugere, ainda, que é possível conhecer e desbravar o mundo através da *National Geographic Society*, conferindo a si mesma a prerrogativa de janela e via para ver, tocar e compreender o mundo.

O segundo grupo, composto por 740 imagens, representado pela Figura 2, diz respeito às imagens do globo terrestre que exercem a função de, especialmente na composição dos artigos que compõem o interior dos exemplares, indicar a localização de dinâmicas (elementos, eventos e fenômenos) na superfície terrestre. As representações gráficas do globo terrestre, assim, apresentam-se a fim de auxiliar na orientação espacial do leitor que através desses recursos visuais pode relacionar informações explanadas nos textos com determinadas porções do Planeta.

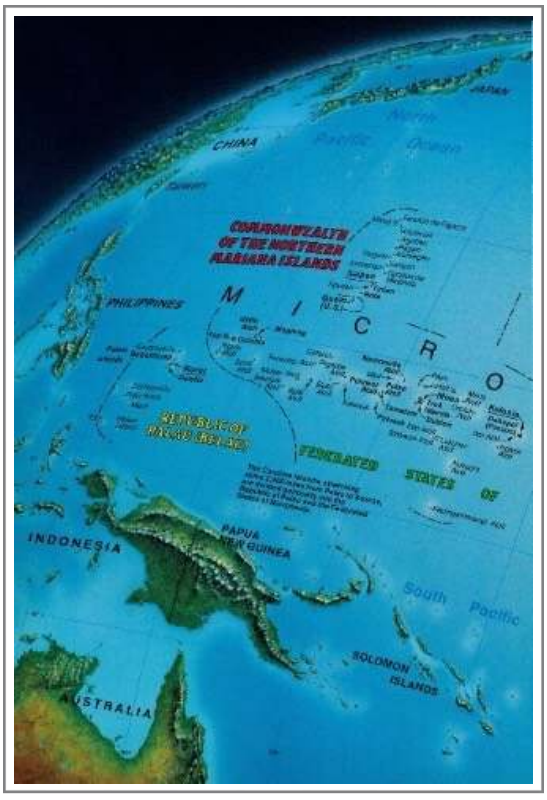


Figura 2: Imagem do globo terrestre representa o agrupamento de imagens que serve como instrumento de indicação da localização de dinâmicas (elementos, eventos e fenômenos) na superfície terrestre.
Fonte: *National Geographic Virtual Library,* 2022.

A orientação ao leitor se dá, sobretudo, através de representações gráficas que se assemelham a mapas (na forma de desenhos) e que, com variações de ordem estética e dimensional, espacializam na esfera terrestre a incidência e a distribuição de certos aspectos dos temas abordados. Nesse sentido, as imagens apresentam-se de maneira bastante variada e assumem por vezes posição de destaque nas publicações. Noutras atuam como coadjuvantes na conjuntura da composição das páginas. Há alternâncias, desta maneira, no que se refere às proporções com que são expostas, ocupam, em alguns casos, páginas inteiras dos exemplares e, em outros, apenas partes dos quadrantes dos *layouts*, entre outras variações.

Tal ênfase ou secundarização da imagem do globo terrestre pode ser observada também no emprego das cores destinadas às representações gráficas, que ora são vibrantes e múltiplas, ora são opacas e em variações de tonalidade da mesma cor. Em outros casos, ainda, se apresentam com destaque para os contornos das áreas emersas do Planeta (sem preenchimento de cor). Diante disso, as imagens do globo terrestre assumem esporadicamente a centralidade das informações veiculadas e noutros momentos servem apenas à complementar as publicações. Nestes casos as imagens são ofuscadas, por vezes, por outros elementos presentes nas páginas, o que possivelmente resulta em que passem quase despercebidas aos olhos dos leitores.

Ademais, há alternância na forma como as porções do Planeta são destacadas no interior das imagens. Variados recursos gráficos são utilizados para identificar as áreas em questão (as áreas que se relacionam com as informações dispostas nos textos), como pontos, linhas, flechas, traços pontilhados, figuras geométricas, entre outros recursos. Há, ainda, uma diversificação em relação a escolha das porções terrestres visibilizadas nas imagens do globo terrestre, ou melhor, na escala geográfica escolhida para destaque nas imagens. Para além disso, parte das imagens do globo terrestre também se apresenta a fim de espacializar raciocínios analíticos e, outras, sintéticos a respeito do Planeta, uma vez que ora apresentam ocorrências de elementos, fenômenos ou eventos de forma ampla e detalhada ora de forma restrita e resumida. As informações dispostas em seus interiores são, assim, aprofundadas em alguns casos e sucintas em outros.

Por fim, concluiu-se que as imagens do globo terrestre encontradas nas páginas da revista *National Geographic,* que possuem a tônica de localização, manifestam-se e atuam de forma a atender a necessária vinculação dos temas explanados nas publicações com a circunscrição destes em porções da superfície terrestre onde os elementos estão distribuídos ou onde os fenômenos e eventos ocorrem. Essas imagens atrelam-se,

pressupostamente, à finalidade de orientação espacial do leitor, sejam essas porções lugares, regiões, países, continentes, ilhas oceânicas, oceanos e mares etc.

O terceiro grupo, com 177 imagens, representado pela Figura 3, explora imagens do globo terrestre que objetivam sustentar narrativas que se referem ao Planeta Terra como nosso lar, o lugar em que vivemos. São diversos tipos de imagens que conservam essa particularidade de referir-se à Terra como o nosso planeta, a nossa casa, tanto numa perspectiva de individualidade, a casa de cada um de nós, como numa perspectiva de coletividade, ou seja, a casa de todos nós.

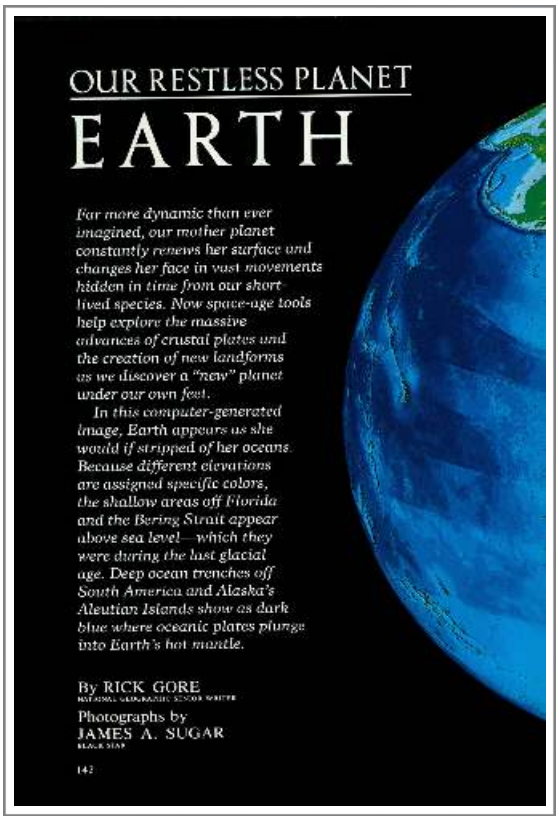


Figura 3: Imagem do globo terrestre que representa o agrupamento de imagens que serve a sustentar narrativas que se referem ao Planeta Terra como nosso lar, o lugar em que vivemos. Fonte: *National Geographic Virtual Library,* 2022.

Esse lar possui, inclusive, particularidades que são explicitadas nas imagens, entre as quais destacam-se: a) O Planeta Terra é o nosso lar num espaço maior - o Universo, ou o Cosmos; b) É um lar constituído de elementos e forças que o permitem abrigar diversas formas de vida, em especial, a vida humana; c) É um lar que pode ser visto e observado do espaço, ou melhor, configura-se como uma casa cercada por diversos tipos de

tecnologias; d) É um lar que pode deixar de existir, está ameaçado de extinção, precisa de cuidados e preservação de seus recursos.

Ressalta-se, porém, que apesar de as imagens desse grupo terem sido agrupadas em quatro subconjuntos para serem melhor analisadas e suas particularidades melhor explicitadas em etapas seguintes da investigação, e de apresentarem diferenças substanciais entre si, são interpretadas, na íntegra, como detentoras da mesma prerrogativa de conduzir o leitor a pensar no Planeta Terra como um lar. Em grande parte mostram a Terra inteira em sua forma esférica, o que denota que trata-se do lar de muitos, ou melhor, de toda a humanidade, além de ser a casa de cada um, em particular, que habita o Planeta. Aliadas aos seus entornos textuais e, por vezes, a outras imagens que compõem as páginas, as representações gráficas em questão reforçam a ideia que a Terra é o único lugar onde, até onde se tem conhecimento, componentes, eventos e fenômenos se deram e se dão de forma a que nela o ser humano exista e que é na sua complexa e singular superfície que nossa espécie vive e evolui.

O quarto grupo, representado pela Figura 4, referente às funções que as representações gráficas do globo terrestre aparentemente exercem na conjuntura da revista no recorte estabelecido, é composto por 182 imagens que reforçam uma ideia de globalização de bens de consumo, serviços e/ou instituições, que atrelam-se, por vezes, à uma tônica socioambiental.

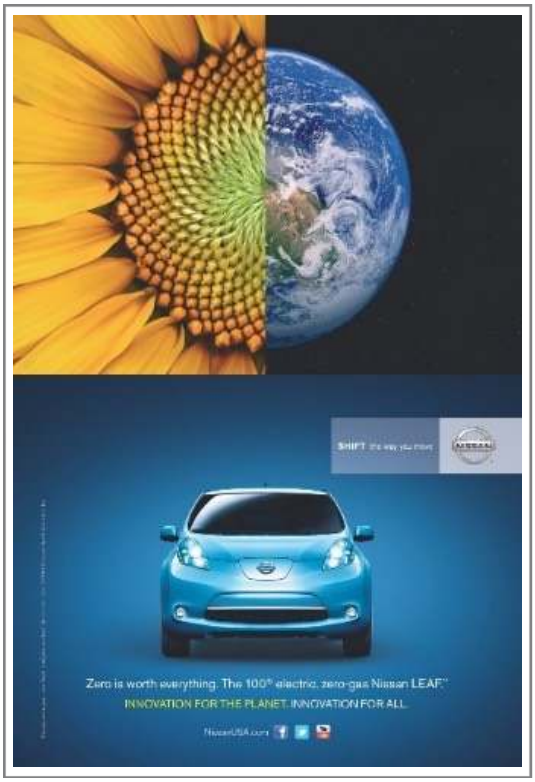


Figura 4: Imagem do globo terrestre que representa o agrupamento de imagens que reforça uma ideia de globalização atrelada, por vezes, à uma tônica socioambiental de bens de consumo, serviços e/ou instituições.
Fonte: *National Geographic Virtual Library,* 2022.

Interpretou-se que são recursos visuais que servem principalmente a reforçar narrativas que buscam passar ao leitor uma ideia de globalização de produtos, serviços e instituições. Nesses casos o globo terrestre é, pressupostamente, acionado para que se vincule determinado item de consumo ou serviço a diversas partes do mundo ou ao mundo todo. Mais especificamente, que podem ser adquiridos ou utilizados em muitas partes do mundo, nele todo, ou, ainda, que têm alcance mundial. O mesmo acontece com instituições, com ou sem fins lucrativos que, como sugerem as imagens, estariam presentes no mundo todo, em muitas partes do mundo, ou, ainda, que através delas pode-se explorar e conhecer o mundo inteiro.

Além da proposta de vinculação de produtos, serviços ou instituições com um espaço global verificada nas imagens, observa-se que parte delas se dá a fim de relacioná-los com uma ideia de cuidado com os seres humanos e de preservação do meio ambiente, ou seja, de conservação dos recursos naturais do mundo em que vivemos pelo bem de todos nós. Os produtos e serviços, desta forma, para além de seus usos principais estariam colaborando para a proteção do planeta. As instituições, por sua vez,

estariam preocupadas em promover melhorias na qualidade de vida das pessoas e em contribuir com a proteção do meio ambiente. Esse olhar cuidadoso para com o outro e com o Planeta Terra é fortalecido quando as imagens do globo terrestre são aliadas aos textos propagandísticos.

Diante do exposto, e do que evidenciam as pesquisas empreendidas por Denis Edmund Cosgrove (1994; 2001 e 2010) e Verónica Carolina Hollman (2014), que expõem a potência das representações gráficas do globo terrestre como atuantes na formação de imaginações geográficas, a pesquisa em curso aponta, ainda que preliminarmente, que as imagens do globo terrestre mantêm-se como possibilitadoras de tais imaginações e, assim, merecem estar sob os nossos olhos investigativos. Ademais, considera-se que as representações do globo terrestre se manifestam nos exemplares da revista *National Geographic* a fim de cumprirem diferentes funções e que estas atendem a variadas finalidades. À vista disso, é possível compreender o motivo pelo qual o periódico lança mão em tantas publicações e em diferentes momentos históricos desse recurso visual. Quase como uma carta coringa as representações gráficas do globo terrestre acabam por inserir-se em diferentes discussões, articulando-se com múltiplas temáticas e sustentando distintas narrativas sobre o mundo abordadas nas páginas da revista. O caráter multifacetado das imagens do globo terrestre pode, pressupõe-se, justificar sua recorrência na ambiência do periódico e torna tal uso pertinente e até indicado, já que se trata de um veículo comunicacional que conserva a particularidade de discorrer sobre o mundo.

No entanto, ressalta-se que o entendimento tecido a respeito das imagens, tanto em relação à forma como são apresentadas e, principalmente, a respeito das funções que exercem, pode não convergir com a razão pela qual a revista aciona esses recursos imagéticos. Não vincula-se, desta forma, as interpretações aqui expostas com as reais finalidades do periódico quando da apresentação de imagens do globo terrestre. Pressupõe-se, inclusive, que tais finalidades tenham sido pensadas pelo periódico de forma individualizada. O que mostrou-se, porém, foi uma interpretação das funções que exercem as imagens quando analisadas em conjuntos e reunidas sem um rigor cronológico, mas a partir de uma classificação temática desprendida do que a revista *National Geographic* dá a ver à primeira vista. A pesquisa aqui em tela resulta de um esforço de construir uma interpretação a respeito das imagens que contribua para o enfraquecimento da sedimentação de narrativas únicas a respeito de tais recursos visuais. Ademais, tanto as funções que exercem as imagens identificadas quanto os tipos de representações gráficas identificados refletem, em suma, a maneira como a revista se

apropria de tais recursos imagéticos no contexto do recorte temporal definido e não da totalidade dos exemplares da revista disseminados desde sua primeira editoração. Por fim, as interpretações aqui expostas ressoam de uma análise construída a partir de um ponto de vista lastreado, especialmente, na ciência geográfica.

Notas finais

Diante da patente importância das imagens no contexto de transmissão de informações na atualidade e do seu crescente uso ao longo da história para embasar e reforçar perspectivas, narrativas e abordagens percebe-se fulcral lançar-se um olhar questionador para suas particularidades. Essa mirada atenta faz-se necessária de ser despendida para as imagens que carregam em si a prerrogativa de participarem, recorrentemente, dos processos de difusão do conhecimento geográfico construído, como as representações gráficas do globo terrestre.

As representações do globo em suas profusas aparições falam da distribuição de elementos, eventos, fenômenos e dinâmicas que se desenvolvem na superfície terrestre e permitem que diferentes interpretações sejam tecidas a partir e junto delas. Visibilizam a Terra parcial ou integralmente, espacializam seus atributos e expressam, por vezes, as relações entre eles. Atuam, assim, como fontes inesgotáveis de percepções e leituras sobre o mundo e ecoam em imaginações geográficas que reverberaram nas relações que estabelecemos com os mais diferentes espaços.

Uma vez que se reconhece a relevância do globo terrestre e de suas representações para a Geografia como um todo entende-se que essas imagens se configuram, também, como singulares para a educação geográfica. Distribuídas em diferentes suportes de visualização, compõem e ocupam posição de destaque no rol de recursos didático-imagéticos acionados no âmbito das salas de aula para proporcionar aos estudantes a compreensão de noções geográficas a respeito dos lugares e a construção de suas visões e imaginações geográficas sobre o mundo. Isso porque são instrumentos mobilizados para darem visibilidade a questões do espaço e para sustentar interpretações a respeito dele.

Levando isso em conta, buscou-se investigar o objeto de estudo na ambiência da revista *National Geographic* dada a sua reputação no cenário mundial e sua articulação com a Geografia como área do conhecimento. Percebeu-se que a revista, no recorte temporal de 1970 até 2021, vale-se de diversos tipos de representações gráficas do globo

terrestre para compor suas publicações e que essas imagens assumem quatro funções principais quando dispostas no periódico. As imagens categorizadas servem como referência à *National Geographic Society;* como instrumento de indicação da localização de dinâmicas (elementos, eventos e fenômenos) na superfície terrestre; objetivam sustentar narrativas que se referem ao Planeta Terra como nosso lar, o lugar em que vivemos; reforçam uma ideia de globalização atrelada, por vezes, à uma tônica socioambiental de bens de consumo, serviços e/ou instituições.

Diante da heterogeneidade com que são apresentadas e das múltiplas funções que assumem nesse importante veículo comunicacional que atinge a muitos leitores com suas editorações, entende-se que esses recursos visuais se configuram como valiosos para a construção e difusão do conhecimento geográfico na atualidade. As imagens do globo propagadas na revista *National Geographic* fomentam a formação de imaginações geográficas e se faz pertinente dar sequência aos estudos que se ocupam de analisá-las e de trazer à tona alguns de seus possíveis impactos sobre a educação geográfica que hoje desenvolve-se.

Referências Bibliográficas

COSGROVE, D. E. Contested Global Visions: One-World, Whole-Earth, and the Apollo Space Photographs. **Annals of the Association of American Geographers**, vol. 84, nº. 2, p. 270- 294, jun. 1994.

COSGROVE, D. E. **Apollo's Eye -** A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination. United States of America: The Johns Hopkins University Press, 2001. 351 p.

COSGROVE, D. E.; FOX, W. L. **Photography and Flight.** London: Reaktion Books Ltd, 2010. 147 p.

FARGE, A. **O Sabor do Arquivo.** Tradução de Fátima Murad. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 120 p.

HOLLMAN, V. C. Los contextos de las imágenes: um itinerário metodológico para la indagación de lo visual. Rio de Janeiro: **Espaço e Cultura** - UERJ, nº. 36, p. 61-83, jul./dez. de 2014.

HOLLMAN, V. C. Entre impossibilidades y deseos: la fotografia, um dispositivo para aprehender e imaginar lo espacial. **Punto Sur 2**, p. 48 – 63, enero/junio de 2020.

MASSEY, D. B. A Mente Geográfica. Dossiê Doreen Massey. **GEOgraphia**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, v. 19, nº. 40, mai/ago de 2017.

MIZAN, S. **National Geographic -** Visual and Verbal Representatations of Subaltern Cultures Revisited. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários da Língua Inglesa) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

ROSE, G. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a Geografia é "visual"? **Espaço e Cultura** - UERJ, nº. 33, p. 197-206, jan./jun. de 2013.

SOUZA, D. R, M. A fotografia enquanto representação do real: a identidade visual criada pelas imagens dos povos do Médio-Oriente publicadas na National Geographic. **Observatorio** (OBS*), v. 4, p. 117-137, 2010.

TOMELIN, V. P. **Imagens do globo terrestre ecoam em concepções de mundo e na educação geográfica:** o que vemos na revista National Geographic. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. **Pro-Posições** - Campinas, v. 20, nº. 3, p. 17-28, set/dez de 2009.

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY, 2023. Disponível em: https://www.nationalgeographic.org/society/ Acesso em 15/05/2023.

NATIONAL GEOGRAPHIC VIRTUAL LIBRARY, 2022. Disponível em: https://www.gale.com/primary-sources/national-geographic-virtual-library Acesso em 22/03/2022.

Recebido em 23 de novembro de 2023.

Aceito para publicação em 3 de outubro de 2024.